

CULTURA PARTICIPATIVA E PRÁTICAS DE PRODUSAGEM NA ESCRITA DE FANFICTIONS EM WEBSITES DE COMPARTILHAMENTO ONLINE

PARTICIPATORY CULTURE AND PRODUSAGE PRACTICES IN THE WRITING OF FANFICITONS ON ONLINE SHARING WEBSITES

Larissa Giacometti PARIS¹

Resumo: o presente artigo visa evidenciar o modo como os *websites* de publicação e compartilhamento *online* de *fanfictions* proporcionam um ambiente de produsagem teorizado por Bruns (2006) e de cultura participativa descrita por Jenkins (2006, 2009). Para tal, uma sinopse de uma *fanfiction* publicada em um *website*, notas de sua autora, bem como comentários de *feedback* proporcionados pelos seus leitores são utilizados como exemplos para elucidar os traços enumerados acima. Por meio da análise de alguns dados, torna-se claro que a escrita do gênero *fanfiction* ilustra uma prática de produsagem, na medida em que um indivíduo baseia-se em um conteúdo já existente, do qual é fã, para criar uma nova narrativa. Consequentemente, tal gênero também evidencia a cultura participativa, considerando que seus participantes não se contentam em apenas serem consumidores passivos dos conteúdos midiáticos. Não basta para os fãs leitores, desse modo, apenas contemplarem a obra que os fascina, sendo necessário interagir com e participar do universo ficcional que apreciam.

Palavras-chave: escrita, *fanfiction*, cultura participativa, produsagem.

Abstract: this article aims to highlight how websites of online publication and sharing of fanfiction provide a produsage environment theorized by Bruns (2006) and a participatory culture environment described by Jenkins (2006, 2009). To achieve that, a synopsis of a fanfiction published on a website, its author notes, and comments and feedback provided by its readers will be used as examples to show the traits listed above. Through the analysis of some data, it is clear that the writing of the fanfiction gender is a produsage practice, since an individual uses an existing content, which he is a fan of, to create a new tale. Consequently, this text genre also shows the participatory culture, because its participants are not only passive consumers of media content. Therefore, the readers fans not only contemplate the work that fascinates them, but also interact with it and participate of the fictional universe that they treasure.

Keywords: writing, fanfiction, participatory culture, produsage.

Introdução

¹ Mestranda do departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), CEP 13083-970, Campinas - São Paulo, Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Email: larissagparis@gmail.com.

Novas práticas de letramentos vêm surgindo conforme há o desenvolvimento de novas tecnologias. Isso se torna relevante, uma vez que as mídias digitais são uma realidade cada vez mais presente para grande parte das pessoas.

Tal realidade propiciou o desenvolvimento de práticas que envolvem a participação, colaboração e cooperação dos indivíduos nos ambientes virtuais. Uma cultura participativa (JENKINS, 2006, 2009) torna-se cada vez mais presente nas práticas diárias de sujeitos que estão inseridos em contextos em que as novas tecnologias proporcionam ferramentas e instrumentos para que tal participação seja possível. Os indivíduos dessa cultura participativa ganham um novo jeito de ser, de agir, e de se posicionar, antes quase impossível, o de ser produzúrio (BRUNS, 2006) de conteúdos das novas mídias digitais.

Um dos inúmeros modos de descrever e analisar práticas relacionadas à cultura participativa se dá pela interação entre leitor e autor em *websites* de compartilhamento *online* de escrita de *fanfictions*. O autor, através da ação da produsagem, escreve novas narrativas baseadas em conteúdo existente, e o leitor não se limita a apenas ler, mas também a comentar, criticar, e revisar o texto do outro. Esse é o ponto central deste artigo que pretende realizar somente análises mais concisas, visto que seriam necessários maiores estudos para maior aprofundamento do tema.

Breve revisão bibliográfica

As novas mídias sociais tornaram possível a participação dos indivíduos em diversos âmbitos sociais, promovendo neles uma sensação de pertencimento no mundo (LANKSHEAR and KNOBEL, 2011), já que pode haver atribuição de sentido às tarefas realizadas por eles que envolvem tal participação. Além disso, tais mídias também incentivaram a realização de práticas em conjunto, gerando mais poder aos participantes do que quando concretizadas individualmente. Lankshear e Knobel (2011) argumentam que essa participação promove práticas de letramento que desenvolvem a cooperação entre as pessoas.

A participação e cooperação descritas por Lankshear e Knobel (2011) estão presentes na cultura participativa (JENKINS, 2006), a qual se caracteriza por possuir poucas barreiras em relação à expressão artística e o engajamento cívico, além de incentivar a produção e o compartilhamento de criações. De acordo com Jenkins (2006,

2009), práticas de letramentos que disseminam a expressão individual não se encaixam em uma cultura participativa, já que é prezado o envolvimento de uma comunidade. Seus membros acreditam que suas contribuições de fato são relevantes. Por isso, a opinião do outro sobre a sua produção é significativa e uma conexão social entre os indivíduos de uma comunidade da cultura participativa é estabelecida.

Um grande impulso para o desenvolvimento e ampliação da cultura participativa ocorreu após o surgimento das novas tecnologias e, portanto, novas mídias sociais, que permitem aos consumidores comuns que arquivem, apropriem-se, e (re)circulem conteúdos midiáticos de modo alternativo aos tradicionais (JENKINS, 2006). Contudo, vale ressaltar que Jenkins (*apud* LANKSHEAR and KNOBEL, 2011) descreve traços de cultura participativa desde o século dezenove, não sendo possível afirmar que esta surgiu somente após a emergência das novas tecnologias.

O autor ainda reitera que os novos letramentos praticados em uma cultura participativa envolvem o desenvolvimento de habilidades sociais por meio da colaboração em rede (JENKINS, 2006). Para ele, tais habilidades são inclusive ensinadas na sala de aula por meio de práticas de letramento tradicional.

Ademais, a noção de passividade do espectador dos meios de comunicação não se encaixa na definição de cultura participativa, já que a separação habitual entre os papéis de produtores e consumidores de mídia é dissolvida.

Bruns (2006) também defende o rompimento das barreiras existentes entre produtor e consumidor de conteúdos midiáticos. O autor acredita que a produção em ambientes participativos e colaborativos permite que seus membros possam ser tanto usuários quanto produtores de informação e conhecimento, isto é, como ele mesmo denomina: *produsuários*.

Os *produsuários* (BRUNS, 2006) não se engajam em modelos tradicionais de produção de conteúdo, mas praticam a *produsagem*, expressão criada por Bruns para referir-se à construção colaborativa e contínua de conteúdos existentes na busca por seu aperfeiçoamento. Desse modo, para se tornar um *produsuário*, é preciso que o participante seja também um usuário do conteúdo de outro indivíduo. Assim, o reaproveitamento, remixagem e a reconstrução do material existente são fundamentais para a *produsagem* (BRUNS, 2006).

A tendência é que haja a colaboração, ao invés do trabalho individual de produção de conteúdo midiático. Ambientes de produsagem, de acordo com Bruns (2006), frequentemente incentivam práticas colaborativas por meio de ferramentas ou estruturas informacionais que são pré-configuradas para a colaboração entre os produzuidores. A produsagem, então, permite que sucessivamente ocorra uma nova melhoria em conteúdos já disponíveis (BRUNS, 2006), conduzindo para resultados sempre incompletos e passíveis de novas produções.

Portanto, o objetivo deste artigo é evidenciar o modo como os *websites* de publicação e compartilhamento *online* de *fanfictions* proporcionam um ambiente de produsagem (BRUNS, 2006) e cultura participativa (JENKINS, 2006, 2009). Tais traços serão ilustrados por meio de uma sinopse e de algumas notas da autora de uma determinada *fanfiction*², bem como de diversos comentários de *feedback* de seus leitores. Primeiramente, contudo, é preciso definir o que são *fanfictions*.

***Fanfictions*: objetos da produsagem e da cultura participativa**

Fanfictions são histórias criadas por fãs que se baseiam, na maioria das vezes, em textos e mídias narrativos, ou ícones da cultura popular (BLACK, 2006), os quais são produzidos pela indústria cultural e divulgados pelos meios de comunicação de massa. As histórias podem ser inspiradas em livros, filmes, séries de TV, animações ou desenhos, letras de música e até mesmo em cantores, bandas, ou atores famosos. Há, neste sentido, a apropriação do texto do outro para si mesmo.

Segundo Vargas (2005), a origem da palavra *fanfiction* resulta da fusão de duas palavras em inglês: *fan*, abreviação para *fanatic*, isto é, fanático, e *fiction*, ou seja, ficção. Desse modo, *fanfictions* são narrativas escritas derivadas de uma obra ou ícone da cultura popular pré-existente cujo autor é um admirador e apreciador dessa obra.

De acordo com Black (2006), neste gênero discursivo é possível que o fã-autor estenda o enredo original, acrescentando novos acontecimentos à trama; crie novos

² Todos os exemplos presentes neste artigo referem-se à *fanfiction* brasileira “Pulsção”, publicada no *website* “*Social spirit*”. A narrativa é baseada no desenho animado “*Hey Arnold!*”, transmitido pelo canal de televisão *Nickelodeon* no Brasil, obtendo uma grande repercussão nos anos 2000. A *fanfiction* foi escolhida pelos moderadores do *website* como destaque da semana de 11 de maio de 2014, razão pela qual foi selecionada como dado para este artigo, já que a busca por exemplificações começou na referida semana. Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119>. Acesso em 21.06.2014.

personagens; e ainda desenvolva novas relações (na maioria das vezes, relações amorosas) entre personagens já existentes. Portanto, na produção de *fanfictions*, personagens, cenários, enredos, e tramas criados e desenvolvidos na obra original são resgatados pelos *ficwriters* (*writers*, em inglês, escritores, *fic*, abreviação utilizada para *fanfiction*, isto é, autores de *fanfiction*), sem que haja a intenção de quebra de direitos autorais e a obtenção de qualquer tipo de lucro a partir da escrita de *fanfictions* (VARGAS, 2005).

Sendo assim, um dos motivos pelos quais *ficwriters* começam a escrever suas histórias se relaciona ao fato de serem grandes admiradores de determinada obra e criarem profundos laços de afetividade com ela. Nesse sentido, Vargas (2005) aponta que “não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passando a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, deixar sua marca de autoria” (VARGAS, 2005, p. 13), ou seja, em outras palavras, posicionando-se como produzúrios (BRUNS, 2006) em relação ao universo ficcional do qual são fãs.

O autor de *fanfictions* apropria-se do universo ficcional da obra original e (re)cria suas próprias narrativas, realizando inúmeras referências à obra da qual é fã. Nesse sentido, a prática de produção de *fanfiction* engloba elementos da cultura participativa descrita por Jenkins (2006, 2009) e das práticas de produsagem enumeradas por Bruns (2006).

Então, considerando tais características, esse gênero não engloba apenas a fascinação pela obra original, mas também a combinação entre frustrações, antagonismos e preenchimento de lacunas encontradas pelo leitor-fã. Desse modo, o autor de *fanfictions* não se limita apenas a reproduzir o texto original, na medida em que tenta reparar aspectos considerados por ele não satisfatórios ou desenvolver interesses não suficientemente explorados (JENKINS, 1992, *apud* VARGAS, 2005).

Em uma sinopse escrita por uma *ficwriter* em um *website* destinado apenas a publicação de *fanfictions*, representada na figura 1 abaixo, fica claro que era do interesse da autora desenvolver uma história baseada no trio amoroso *Arnold*, *Helga* e *Torvald*, personagens do desenho animado “*Hey Arnold!*” (“dividida entre *Arnold* e *Torvald*, entre amor e ódio, sentimento e razão”). Contudo, apesar da existência das três personagens na obra original, a relação de amor entre *Helga* e *Torvald* era inexistente, isto é, não era explorada no universo ficcional do desenho. Desse modo, a partir das

personagens originais, aliado ao desejo da autora de concretizar uma possibilidade imaginada por ela, foi criada uma nova trama.

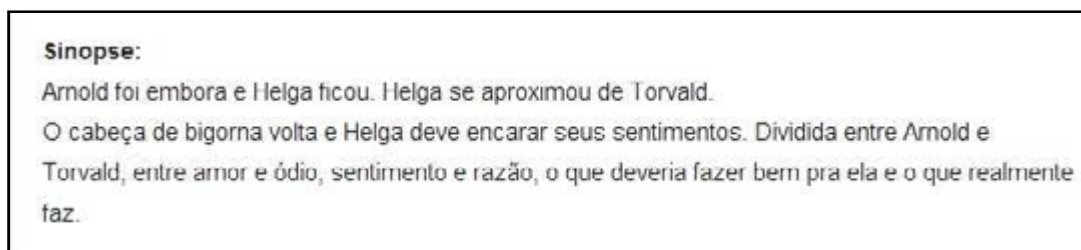


Figura 1 – Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119>. Acesso em 21.06.2014.

As *fanfictions* são publicadas e veiculadas, principalmente, em *websites* construídos e gerenciados por internautas que também são autores de *fanfictions*. Desse modo, tal gênero discursivo envolve a publicação e compartilhamento *online*. Esses *websites* têm como objetivo disponibilizar um espaço para que outros fãs da obra original também possam se tornar leitores de determinada *fanfiction*. É comum que os autores publiquem um capítulo por vez, para que os leitores possam comentar ao longo da narrativa.

Black (2006) reitera que as novas tecnologias possibilitaram aos fãs e produtores de *fanfictions* a oportunidade de interação por meio de espaços *online*, onde eles são capazes de escrever de modo colaborativo, além de criticar e discutir sobre as narrativas dos outros autores. Em relação a esses comentários sobre a *fanfiction* do outro, Lankshear and Knobel (2011) afirmam que a colaboração também ocorre nessas situações, já que os leitores fornecem um *feedback* ora para apenas comentar ora para revisar a história postada pelos *ficwriters*. Como já dito anteriormente, os leitores consideram que seus apontamentos de fato são relevantes para o *ficwriter*, bem como este último aprecia e valoriza a opinião de seus leitores (JENKINS, 2006, 2009).

A conexão social descrita por Jenkins (2009), como reflexo da cultura participativa, também está presente entre os leitores e autores de *fanfiction*. Fica evidente, no exemplo abaixo, essa relação no momento em que a autora responde ao comentário da leitora (“Amo comentários grandes, consigo me conectar com você e entender o que espera da fic”).



Figura 2 – Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119/capitulo1>. Acesso em 21.06.2014.

Como consequência, uma das características dessa prática de escrita é a interação entre o autor e o leitor, já que a relação entre ambos se constrói de um modo muito mais próximo do que fora do âmbito virtual. Diferentemente do espaço escolar, em que muitas vezes o professor é o único leitor do texto do aluno, nas práticas de *fanfictions*, o autor recebe constantemente críticas e elogios acerca de sua obra vindos de leitores, os quais, muitas vezes, são também autores desse mesmo gênero (VARGAS, 2005).

No exemplo abaixo (figura 3), uma leitora mostra-se empolgada com a trama da *fanfiction* ao solicitar que a autora apresente a continuação da narrativa (“tu tem q continuar logo”). A *ficwriter*, por sua vez, agradece pelo comentário (“muito obrigada por sempre comentar”), evidenciando a interação entre ambas discutida por Vargas (2005) e Black (2006).



Figura 3 - Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119/capitulo8>. Acesso em 21.06.2014.

Como observado no exemplo acima, Bond e Michelson (2003 *apud* VARGAS, 2005) argumentam que o autor de *fanfictions* tem a oportunidade de dialogar com outros autores e leitores a respeito de suas produções, em decorrência do gênero *fanfiction* ser uma prática de letramento *online*. Uma análise feita por Black (2006) revela que a interação entre o autor e os leitores ilustra não apenas uma apreciação por múltiplas linguagens, formas alternativas de escrita, e diferentes perspectivas sobre um mesmo universo ficcional, mas também uma valorização da comunicação, interação social e pluralismo presente nestes espaços *online*. Segundo a autora, o processo participativo e criativo de construção da narrativa é tão importante (quando não mais importante) do que o produto, isto é, a *fanfiction*, finalizada.

Vejamos dois exemplos abaixo para ilustrar o modo como tal interação é significativa para autores de *fanfictions*:

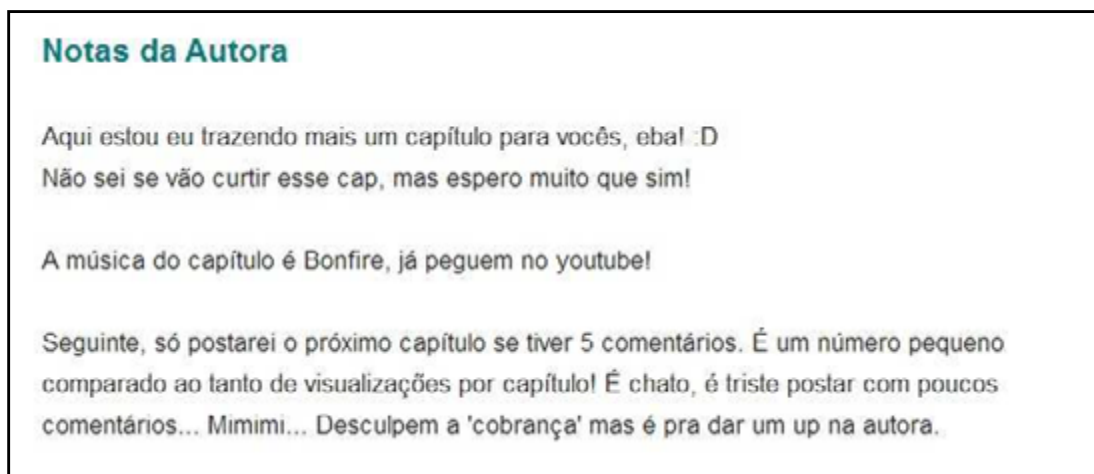


Figura 4 – Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119/capitulo6>. Acesso em 15.06.2014.



Figura 5 – Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119/capitulo6>. Acesso em 21.06.2014.

A figura 4 apresenta a Nota da Autora referente ao capítulo seis, que, segundo Black (2006), é considerada uma maneira típica dos autores se dirigirem, por meio da escrita, aos leitores em um momento anterior ao início de um capítulo. A figura 5, por sua vez, exibe um comentário escrito por um leitor referente ao mesmo capítulo. É possível observar a importância dada pela autora ao retorno e interação dos leitores, na medida em que ela avisa que apenas escreverá novos capítulos se houver novos comentários (“Seguinte, só postarei o próximo capítulo se tiver 5 comentários”), não satisfazendo-se apenas com a presença de leitores “silenciosos” e passivos para a sua

história (“É um número pequeno comparado ao tanto de visualizações por capítulo”). É também interessante ressaltar a solidariedade do leitor, o qual também se posiciona como um *ficwriter* (“E quanto aos comentários, me solidarizo com vc. Tipo, a pessoa [leitores que comentam as *fanfictions*] pede continuação, e quando vc continua, ela fica uns três capítulos sem comentar”).

Portanto, Black (2006) argumenta que os comentários dos leitores nos *websites* destinados ao compartilhamento *online* de *fanfictions* tornam-se recursos para o autor, na medida em que oferecem apoio e inspiração para a continuação da produção escrita. Black (2006) ainda reitera que a estrutura oferecida pelos *websites* (com espaços destinados à nota dos autores e aos comentários dos leitores), bem como o conteúdo dos comentários realizados pelos leitores-fãs ilustram a natureza participativa e social da escrita. Neste sentido, a cultura participativa teorizada por Jenkins (2006, 2009) e o ambiente de produsagem (que fornece ferramentas e estruturas para a colaboração) descrito por Bruns (2006) se fazem presentes.

Além disso, uma das razões pela qual o *ficwriter* vê sentido na produção de *fanfictions* é a presença de leitores reais que podem fazer comentários sobre sua história. De acordo com Black (2006), nos espaços *online* de compartilhamento de *fanfiction*, a ausência da hierarquia entre professor e aluno, bem como da imposição de seus papéis sociais (o primeiro sendo o detentor e transmissor do conhecimento, e o segundo, seu mero receptor), faz com que os autores de *fanfiction* se posicionem ora como professores ora como alunos.

O comentário abaixo exemplifica tal posicionamento, já que a leitora auxilia na produção escrita da autora ao sugerir que exista um maior uso do pretérito mais que perfeito (“senti falta do pretérito mais que perfeito, parece besta, mas confunde muito...”). A *ficwriter*, por sua vez, agradece tanto pelo elogio quanto pela dica. Sendo assim, por meio do vocabulário informal e tipicamente utilizado por jovens em ambientes virtuais (uso de gírias - “besta”, abreviações - “bjs”, emoticons - “ :) ”, e pontos de exclamações sucessivos - “ ! ! ”), a leitora coloca-se na função social de alguém que ensina, mas sem que haja todo o peso da crítica advinda das atividades tradicionalmente escolares.



Figura 6 – Fonte: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-hey-arnold-pulsacao-946119/capitulo1>. Acesso em 21.06.2014.

Ainda em relação à figura 6, é interessante ressaltar o modo como o comentário realizado pela leitora encaixa-se na categoria “crítica gentil” elaborada por Black (2007). De acordo com ela, o *feedback* (ou retorno) produzido pelo leitor neste tipo de categoria apresenta uma constante estruturação: (1) uma introdução, saudação pessoal, ou resposta à nota do autor, (2) um comentário positivo sobre algum aspecto do texto, (3) uma crítica, (4) uma declaração que atenua a crítica, (5) um comentário positivo ou um encorajamento para que o autor continue a escrever, e (6) um fechamento.

No exemplo acima, é possível notar a presença desses elementos, com exceção do número cinco: (1) “Hey!”, (2) “Amei o jeito que escreve” e “conseguiu instigar leitores logo no primeiro capítulo! !!”, (3) “senti falta do pretérito mais que perfeito”, (4) “apenas um adentro gramatical” e “parece besta”, (6) “bjs :)”.

Essa categoria de revisão textual observada por Black (2007) talvez seja um indicativo de que o modo como a “crítica gentil” é realizada (apresentando elogios, além de críticas), acrescentado o fato de que ela é produzida por alguém sem maiores distinções sociais do que o próprio autor, seja mais eficiente do que apenas a tradicional avaliação institucional do professor na escola. De acordo com Lankshear and Knobel (2011), o modo não agressivo, construtivo, e generoso dos comentários de revisão, na medida em que também incentivam e apoiam o *ficwriter* a continuar a sua produção

escrita, proporcionam oportunidades de aprendizado que vão muito além dos propósitos imediatos da produção de *fanfiction*.

Considerações Finais

A escrita do gênero *fanfiction* ilustra uma prática de produsagem (BRUNS, 2006), na medida em que um indivíduo baseia-se em um conteúdo já existente, do qual é fã, para criar uma nova narrativa. Esse se torna, então, um produsuário, já que se posiciona ao mesmo tempo como produtor e usuário desse material. Consequentemente, tal gênero também evidencia a cultura participativa descrita por Jenkins (2006, 2009), considerando que seus participantes não se contentam em apenas serem consumidores passivos dos conteúdos midiáticos. Não basta para os fãs, desse modo, apenas contemplarem a obra que os fascina, sendo necessário interagir com e participar do universo ficcional que apreciam.

Além disso, como já dito anteriormente, é comum que os capítulos de uma *fanfiction* sejam publicados em *websites* de compartilhamento *online* que promovem a interação entre o autor e o leitor da história. A importância atribuída pelo autor em relação aos comentários feitos pelo leitor, bem como a disposição do leitor em fazê-lo, mostra outro traço da cultura participativa (JENKINS, 2006, 2009): os participantes de determinada comunidade acreditam que sua opinião de fato seja relevante para o outro membro, bem como tal opinião é apreciada por aqueles que a recebem.

Sendo assim, é possível que críticas construtivas de revisão textual de *fanfictions* (BLACK, 2007) sejam feitas pelos leitores nos espaços destinados aos comentários, como foi ilustrado em alguns exemplos ao longo deste trabalho. A categoria de “crítica gentil” elaborada por Black (2007) caracteriza-se como um modo alternativo de revisão em relação aos modelos tradicionalmente escolares.

Por isso, é relevante refletir sobre propostas de atividades de produção textual a serem realizadas nas salas de aula que levem em conta algumas características do gênero *fanfiction*, apesar do foco deste artigo não ser o contexto escolar. O envolvimento com as ferramentas e estruturas proporcionadas pelas novas tecnologias, as quais favorecem a interação e colaboração; a presença de leitores reais para o texto do aluno; a interação entre leitor e autor; bem como o modo como a revisão textual é realizada (de modo não agressivo, com elogios e críticas construtivas, encorajamento

para continuar a escrever a história, e com a ausência da hierarquia entre professor e aluno) são particularidades da produção de *fanfiction* que podem ser interessantes para a escola.

Nesse sentido, Possenti (1996) argumenta que a escola precisa trabalhar com a escrita da maneira como ela é praticada na sociedade, e não apenas como forma de avaliação. Assim, é fundamental que a escola promova atividades que envolvam a produção de gêneros ligados às práticas sociais do cotidiano do aluno, hoje um nativo digital, como é o caso do gênero *fanfiction*.

Moita Lopes (2012), por sua vez, ao analisar gêneros discursivos que envolvem práticas de letramento *online*, como, por exemplo, a produção de *fanfictions*, ressalta que a escola precisa dialogar com esse novo *ethos* que incorpora novos sentidos e significados para as questões de letramento. Para ele, a falta de compreensão dessas novas práticas pelos professores seria um dos fatores responsáveis pelo grande sentido de alienação e inadequação que muitos alunos vivenciam nas salas de aulas (MOITA LOPES, 2012).

Finalmente, é interessante pensar, pesquisar, e propor atividades de elaboração de *fanfictions*, já que essa é uma tendência de produção escrita que parece motivar muitos jovens a escrever voluntariamente fora do ambiente formal de aprendizagem, e sabendo que em sala de aula os professores encontram dificuldades para propor atividades que estimulem os alunos a aprimorar suas habilidades de leitura e escrita.

Referências

- BLACK, R. Language, Culture, and Identity in Online Fanfiction. In: **E-Learning**. New York (NY), n 2, v. 3, 2006.
- BLACK, R. Digital Design: English Language Learners and Reader Reviews in Online Fiction. In: Knobel, M; Lankshear, C. **A new literacies sampler**. New York (NY): Peter Lang, 2007, p. 115 - 136.
- BRUNS, A. Towards Produsage: Futures for User-Led Content Production. In: Sudweeks, Fay and Hrachovec, Herbert and Ess, Charles, Eds. **Proceedings Cultural Attitudes towards Communication and Technology**. Tartu (Estonia), 2006, p. 275-284.

JENKINS, H., with R. Purushotma, K. Clinton, M. Weigel and A. Robison. **Confronting the Challenge of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century**. Boston (MA): MIT/MacArthur Foundation, 2006.

JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Trad. Susana Alexandria. 2a ed. São Paulo (SP): Aleph, 2009.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New literacies: everyday practices and social learning**. Berkshire (NY): Open University Press, 2011.

MOITA LOPES, L. P. O novo ethos dos letramentos digitais: modos de construir sentido, revolução das relações e performances identitárias fluidas. In: SIGNORINI, I.; FIAD, R. S. (Org.). **Ensino de línguas: das reformas, das inquietações e dos desafios**. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2012.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1996.

VARGAS, M. L. B. **Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fanfiction**. Tese (Mestrado). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (RS), 2005.